

CANIÇO

Amostra

CANIÇO

FERNANDO MANSILLA

TORDSILHAS

Canijo

Copyright © 2026 STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Tordesilhas é um selo da Aláude Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books.

Copyright © 2022 by Fernando Mansilla

ISBN: 978-65-5568-289-2

Translated from the original *Canijo* © 2022 by Fernando Mansilla. ISBN 9978-84-18690-14-3. All rights reserved. This edition is published by arrangement with Editorial Barrett c/o MB Agencia Literaria S.L., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2026 by STARLIN ALTA EDITORA E CONSULTORIA LTDA.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M294c
Mansilla, Fernando
Canijo / Fernando Mansilla; 1ª edição – Rio de Janeiro:
Tordesilhas, 2026.
336 p.; il. 15,7 x 23 cm.
Título original: *Canijo*
ISBN 978-65-5568-289-2
1. Literatura espanhola. 2. Literatura contemporânea.
I. Título.
CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção em espanhol. Literatura espanhola – 863

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 7.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Materiais de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Vendas Governamentais: Cristiane Mutis

Produtora da Obra: Tentáculos Editorial

Tradução: Vera Moraes

Copidesque: Paulo Henrique Aragão

Ilustração da capa: Pablo Peña

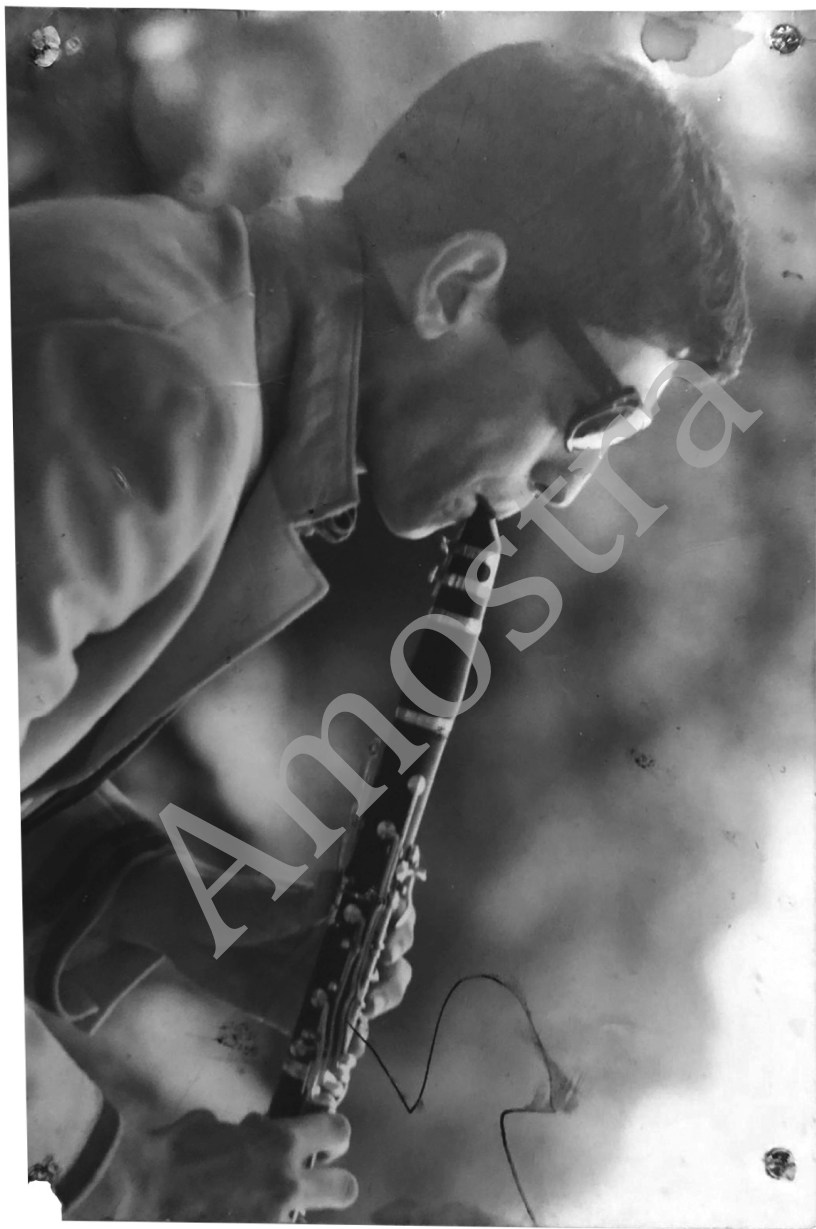


Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Para Nano e Ada.

Amostra



Crédito: Lola Cordero

Fernando Mansilla

Conhecemos Fernando Mansilla muito tarde e foi através de sua música ou, melhor dizendo, do híbrido entre música, poesia e teatro que eram seus shows de *spoken word* com seu grupo Mansilla y los Espías. Ficamos impressionados com o pequeno homem que se tornava grande no palco — e não só porque seu chapéu inseparável lhe adicionava alguns centímetros —, ele nos enfeitiçou com sua voz grave e profunda e nos entusiasmou com suas letras afiadas.

Poucos anos depois tivemos a sorte de conhecer Fernando pessoalmente e descobrimos que por trás do artista havia uma pessoa amável, simples e humilde, com quem era bom passar o tempo compartilhando uma cerveja.

Mansilla nasceu em Barcelona e se mudou para Sevilha em 1981, atraído pelo estilo de vida, o clima e o bom haxixe do sul. Ganhou a vida como músico de rua e com várias produções teatrais que pouco a pouco fizeram seu nome como artista *underground*. Sua poesia foi reconhecida em *Poemas para la no posteridad* (Cangrejo Pistolero) e nos discos *Literatura de baile*, *Dejad que los colgados se acerquen a mí* e *Lucy*, suas peças teatrais (uma das quais, *Libertino*, nomeada ao Prêmio Max) foram apresentadas regularmente desde o começo dos anos noventa e suas narrativas começaram com este romance, *Caniço*, publicado originalmente por El Rancho Editorial, e que se soma a outros títulos como *Relatos faunescos*, *Matar cartones* e *Mansilla Stteet View*.

Faleceu em junho de 2019, descansando “no maldito sofá”.

Certamente você também conheceu Fernando Mansilla muito tarde, mas nunca é tarde demais.

Hoje é um bom dia.

Também tornou este livro possível



Crédito: Julieta Mansilla

Pablo Peña

Quando tivemos o manuscrito de *Caníço* em nosso poder, imediatamente pensamos em Pablo Peña para desenhar a capa. De suas mãos saiu o mítico clarinete-seringa que ilustrava a edição da El Rancho Ediciones. Além disso, sempre fomos grandes fãs do Pony Bravo, e Pablo é um componente deste grupo desde o início em 2006.

Estudou Belas Artes na Universidade de Sevilha e trabalhou como músico, DJ, artista sonoro e ilustrador. Além de baixista no mencionado Pony Bravo, é compositor e intérprete no grupo Fiera, onde também se encarrega do design gráfico, e participou em projetos com Niño de Elche e Los Voluble. Produziu o disco *Autoficción* de Las Odio e é cocriador da obra cênica *Wildworking*. Paralelamente, trabalhou na composição de música e ambientação sonora para obras de dança contemporânea, além de ter escrito e interpretado música ao vivo para diversos espetáculos teatrais. Com Fran Torres, fundou o Música Prepost, um projeto em que realizaram vários espetáculos de *live cinema* e a apresentação de gala do Festival Alcances em Cádiz, numerosas sessões como DJs, videoclipes etc. Pablo segue caminhando pelo lado mais gráfico da vida, tenha cuidado.

PRIMEIRA PARTE

Praça do Pumarejo

Amostra

1

Sevilha, bairro de San Julián, verão de 1982

POUSAMOS EM SEVILHA. Sofia e eu. Alugamos um quitinete no bairro de San Julián, no número 6 da praça da Moravía. Morávamos no topo daquele prédio de três andares, branco e velho, castigado pelo sol. Guardo boas lembranças daquele maldito terraço, dos vasos de gerânios, dos banhos com mangueira, das espreguiçadeiras onde nos torrávamos ao sol, dos peitos de Sofia. Naquele quitinete me acabei de tanto te esperar, me ferrei, Sofia, porque você não faz ideia do tempo que passei te esperando. Esperar mulheres. Esperar homens. Esperar acontecimentos.

Esperar que um dia desses as musas, num capricho, decidam me inspirar. Esperar por Sofia. Mau negócio. Não gosto de esperar, fico mal. Passei muitas horas da minha vida esperando por mulheres, fornecedores, dinheiro e boas ideias. E, nunca tive uma espera agradável. Nunca, por exemplo, enquanto esperava minha namorada em uma esquina qualquer, encontrei uma carteira cheia de dinheiro. Assim, desenvolvi essa fobia por esperas, malditas esperas, e pelo verbo esperar, verbo maldito. Maldita aquela noite em que esperava a minha mulher e ela não vinha. Era cerca de dez e meia da noite, e eu a esperava desde as oito, pois havíamos combinado de ir ao Ideal, um cinema ao ar livre na rua Jesús del Gran Poder — já não me lembro do filme... ah, sim,

Mulheres Apaixonadas, de Ken Russell, se a memória não me falha. Era a mesma coisa, só que agora estava esperando na sala de jantar, e para não desperdiçar o tempo, sentei na minha banqueta para estudar, como um garoto aplicado, arrumei o suporte com a partitura e mandei ver com o clarinete, tiru-tiru-puu, me dedicando a martelar escalas para cima e para baixo, porque naquela época, meu sonho e minha vaidade eram ser alguém no mundo dos artistas; Sofia não vem... está demorando muito... será que aconteceu algo? O filme começa às dez e meia e, se demorar mais cinco minutos, vamos perder o início. Que droga, me incomoda perder o início de qualquer filme, mesmo que já o tenha visto umas quarenta vezes. E já são dez e vinte. Esqueça as mulheres apaixonadas.

Quarenta minutos passam voando. Escutei as onze badaladas do relógio da igreja Hiniesta, e chutei o suporte, as partituras saíram voando, farfalhando, Sofia por aí, com seus amigos, ou sei lá com quem, e eu, como um idiota, esperando, esperando e esperando. Outra vez: esperando.

Pensei comigo: Acabou, não espero mais por você, nem um minuto, estou começando a não te suportar, Sofia, sem colocar muita fé, mas já estava sendo verdade. Sofia estava esgotando minha paciência. A minha já mirrada paciência. E sem recolher as partituras espalhadas pelo chão, nem o suporte caído, deixo o clarinete no único sofá da casa e fico como um paspalho, sem saber o que fazer.

Sofia e eu levávamos uma vida simples e austera. Não tínhamos nem televisão, nem vídeo, nem carro, nem máquina de lavar. Um solitário toca-fitas, uma geladeira e o clarinete eram nossas posses. Viviam conosco, compartilhando inclusive a cama, duas lindas gatas irmãs. Uma era tigrada, ou seja, tinha listras cinzas e brancas; a outra era toda preta, exceto pela mancha branca na região dos olhos — como uma máscara — e as patas também brancas. Eram dóceis aquelas gatas. A mais peluda, a tigrada, era mais carinhosa do que a outra, a mascarada, que se chamava Samara, nome imposto por Sofia e que sempre discordei. Já a outra, fui eu quem batizei. E escolhi o nome de Camélia. Ainda bem que havia duas gatas. Eu, como artista, me sentia no direito de escolher nomes. Sofia não permitia essa atribuição, pois ela também era uma artista, portanto, com direito a decidir por conta própria nomes e títulos.

O quitinete estava silencioso, não se ouvia os carros nem os motores, o tráfego era escasso pela praça, os vizinhos eram tranquilos: dois recém-casados que sorriam candidamente quando cruzava com eles na escada; uma mulher bastante idosa que se chamava Gracia e que nos olhava com carinho, e outra vizinha que adorava as gatas e cujo nome esqueci. O quitinete era silencioso. Aquela noite, sem Sofia, com as gatas com expressões imutáveis, encolhidas em cadeiras separadas, chegava a dar até um pouco de medo. Será que era medo? Se tivesse uma televisão e um jornal para consultar a programação, teria procurado um bom filme para me acalmar e afastar os meus temores. Mas não. Sem televisão nem tranquilidade, apenas o vazio instalado no quitinete. *Coloque uma música*, pensei, mas que se dane a vontade de ouvir música. Músicas celestiais com toda a raiva que carregou? Não. Outra ideia começava a fazer cócegas em algum lugar do cérebro. Mais do que uma ideia, um desfalque, porque entrei em nosso quarto, abri a gaveta da pequena cômoda, peguei o envelope onde Sofia e eu guardávamos o dinheiro do aluguel, contei as notas, tirei uma de mil, devolvi o resto ao envelope e o envelope à gaveta. Sem culpa, mil a menos, o suficiente para me dar um agrado e esquecer a imensa chatice de te esperar, Sofia, querida. A chatice descomunal de te querer.

Vou me dar um agrado. Vou me dar um agrado. Vou me dar um agrado.

Desço a escada, passo o portão, a rua, e sigo pela praça do Pumarejo, ou o *Espumarejo*, como os moradores do bairro a chamam. Era quase meia-noite e, ansioso pela espera, o amor e o calor, com uma nota verdinha pesando no bolso traseiro da minha calça jeans, sigo pela Duque Cornejo, ladeado por uma sequência serena de casas baixas e caiadas. Quando chego em San Luis já me sinto um pouco melhor e, para comemorar, detenho o olhar nas torres douradas de uma igreja qualquer, em seguida o desvio para as estrelas. Já começo a me sentir mais forte. O que é isso de achar que vai morrer só porque sua mulher não te ama como antes, de morrer na desgraça porque ela nunca mais dirá coisas carinhosas no seu ouvido? Respondam, querubins e deuses do amor, respondam, suas bestas malditas, o que acontece, então? Estamos

desmoronando? Até quando essa garota deixará de nos conceder essa dança?

Continuo pela rua San Luis e deixo para trás a igreja das torres douradas e suas cúpulas com mosaicos azuis. Antes de chegar ao Pumarejo, um traficante surge das esquinas oferecendo sua mercadoria proibida. Oferece sem se impor, silenciosamente. Os traficantes de heroína não *vão atrás* de seus clientes, não anunciam sua mercadoria. Não falam. Eles te olham nos olhos e esperam. Eles é que mandam.

— Tem alguma coisa aí? — pergunto em um sussurro. É Luis Molina, dos Molina de las Tres Mil, gente barra pesada do bairro, cujos negócios são dirigidos pela mãe, María, uma vez que o pai cumpre pena por assassinato atrás das grades da Sevilha Um.

2

As Três Mil Habitações, março de 1980

ONZE HORAS DA MANHÃ. O grande gângster saiu do prédio de tijolo à vista para o grande pátio de cimento e terra, atravessando um campo de futebol improvisado onde humanos enlouquecidos corriam atrás de um melão voador. Não que o melão voasse; eram eles que o faziam voar a pontapés, distribuindo chutes a torto e a direito, os mais animados soltavam risadas tão sonoras que se confundiam com urros, arrancando um sorriso do gângster, que se posicionou atrás de um dos gols destruídos, já sem rede e sem travessão. Ali, o pátio formava um canto acolhedor, bom para passar a meia hora de descanso sentado na casinha dos hidrômetros. Diante do prédio de tijolos, o sr. Garcia consultava o relógio, passavam cinco minutos das onze. O gângster não tirava os olhos da figura franzina e calva do sr. Garcia. Depois, ele imitará os seus gestos, posturas e tiques para alegria e deleite de seus companheiros.

Começava a chover, caía uma garoa leve e não havia onde se esconder no grande pátio descoberto de terra e cimento. Pedro Molina, o pequeno traficante que se julgava um grande gângster, consultava seu elegante relógio de ouro — passavam-se dez minutos das onze e Manulitu não aparecia. E nenhum cliente. Algo muito estranho... A chuva umedecia a terra e levantava odores do cimento, o gângster respira com prazer e

agradecimento o cheiro de terra molhada que lhe trazia recordações de outros tempos, outros lugares: a grama, o rio, as poças que cercavam o barracão onde nasceu. A catinga. Os barracos do Roto tinham um cheiro forte e poderoso.

Nenhum cliente. E Manulitu Rodríguez, seu sócio, seu *aguaor* — aquele que deságua: Água! — está atrasado, ou pior: não vem, não veio; ou pior ainda: não virá. E o pequeno traficante aguça suas antenas e detecta algo estranho e ameaçador no ar úmido da manhã, algo de que ele não gosta, algo que não se encaixa hoje, nesta manhã de chuva e vento.

Contornando o campo do jogo, evitando “boladas”, ignorando assobios, obscenidades, piadinhas de mal gosto, cantadas sem graça e um ou outro insulto, se aproximam quatro garotas, que todas as manhãs passam a meia hora de seu descanso atrás da mesma trave que o gângster escolhe para vender seu estoque de maconha e fumar seu Bob Marley, como chamam na vizinhança aqueles baseados enrolados em dois papéis. As garotas não fumavam. Nunca compraram sequer um grama de maconha de Pedro Molina, nunca pediram uma tragada do baseado matinal que ele fuma todos os dias atrás das traves com seu sócio e amigo Manulitu. O gângster gosta que elas estejam ali todas as manhãs, para ouvir seus sussurros, olhar furtivamente para suas coxas bronzeadas, as de Manoli, que usava sempre saia curta para mostrá-las, do comprido rabo de cavalo de Rosi Martinez. Gostava da risada suave de Paqui, das tranças de Isabela... E o encanta saber que falam deles, do pequeno traficante e de seu sócio Manulitu, mesmo ele negando, dizendo que não gosta, que não vê nenhuma graça em tê-las ali, se inteirando de tudo: do que se vende, dos cambalachos, das trapaças, do que se fuma, dos clientes que aparecem todas as manhãs para deixar a grana atrás do gol. Diz — chegou a informar Manulitu — que são enviadas pelo sr. Garcia para saber do que se confabulou no canto dos medidores. Espiãs. Pedro Molina sabe que isso é conversa fiada.

Pedrito gostava de Isabela, a morena de pele acetinada e cabelos pretos presos em duas tranças longuíssimas que iam até a cintura, deixavam o gângster apaixonado. Era um amor platônico. Nunca haviam se beijado. Nunca disseram “te amo”.

— Você é muito bonita, Isabela — reconhece Pedro Molina, pensando alto, sente borboletas no estômago só de pronunciar seu nome: Isabela. Ele adora a originalidade da adição, não Isabel, mas Isabela, com ‘a’, e essa tolice o enternecia. E pela primeira vez em sua vida sussurra: Te amo, te amo, te amo. Se atreve a dizer: Te amo. Talvez porque ninguém possa ouvi-lo, ninguém à sua frente. Está sozinho na casinha dos medidores. Esta manhã não veio nenhum cliente deixar uma grana. Nenhum, nem sequer o inútil do Caravaca, que todas as manhãs, trocava seu sanduíche de sardinhas em óleo por uma dose pequena de maconha, e o sr. Garcia olhou o relógio, faltam menos de sete minutos para retornar às tarefas cotidianas. Agora chove mais forte do que nunca, mas o sr. Garcia decide não suspender o jogo. Que se molhem, que se fodam, espero que todos se afoguem, sonha ele acordado. Chove, e Pedro Molina, o pequeno traficante, está nervoso. Não se concentra. Nem se atreve a pegar no bolso a sua bolinha fedorenta de haxixe marroquino para enrolar e fazer um baseado: um Bob Marley, conhecido também como um beck feito com dois papéis. Não, ele não se atreve. Não tem ninguém que lhe a água. Porra, onde se meteu, Manulitu? E ele está faminto. Ah, que merda, todas essas sensações no estômago... talvez porque esteja vazio. Não comeu *seu* sanduíche de sardinhas e o estômago reclama. Onde diabos se meteu, Caravaca?

Faltam cinco minutos para as onze e meia quando alguém vem correndo avisar ao sr. Garcia que algo terrível está acontecendo — Onde? — nos banheiros, dentro do prédio de tijolos. Corra, corra sr. García, uma briga, corra, que estão se matando. E o sr. Garcia abandona sem pensar seu posto de vigilância no pátio de terra e cimento, nem sequer confere o relógio quando entra correndo para o interior do prédio. O que é, o que é? Corra, corra, sr. Garcia, para os elevadores, não, pelas escadas, depressa, apunhalaram Manuel Rodríguez nos banheiros do terceiro andar. E o sr. Garcia corre, está a ponto de rolar escada abaixo quando pisa em um sanduíche de sardinhas e escorrega na gordura. Que nojo! Quem deixou essa porcaria aqui?

O grande gângster já não é o grande gângster. Acabou o jogo. Só pode ser quem é: o traficante indefeso atrás de uma trave destruída que vê os

quatro filhos do Chinês chegando, e sabe que não vêm exatamente para comprar droga. Volta o olhar para o grupo de garotas, já não estão lá, estão correndo, para longe de onde eles vieram, para o prédio de tijolos. Não todas, Isabela fica. Aterrorizada, mas ali está, e lá fica. O melão voa pelos ares, arranhões, gritos, batidas... Quatro minutos para as onze e meia. Não há tempo a perder: Ismael Martínez Guardia, o primogênito do Chinês, caminha depressa pelo pátio de terra e cimento, seus três irmãos o seguem alguns passos atrás, cruzando o campo e evitando “bolas” e jogadores, direto para a casinha dos medidores, em que o grande gângster espera sentado e solitário. O sr. Garcia desapareceu no interior do prédio e não voltou. Não se vê outros bandidos no pátio. Isabela se aproxima timidamente de Pedro, chegará quase ao mesmo tempo que Ismael. — Vá! —, se atreve a dizer a garota para o gângster, e é a primeira vez que lhe dirige a palavra: Corre! Mas ele não vai, não corre. Ismael sorri. Já estão todos ali, ao redor da casinha dos medidores. Os temidos filhos do Chinês, os irmãos Martínez Guardia.

O medo não cai bem em Isabela, seu rosto se exaspera, o corpo treme, seu olhar já não é sereno, nem a voz debochada, nem suas tranças são bonitas. Na verdade, ela não consegue falar. Ismael, de maneira estranhíssima, empunhava uma caneta na mão direita. Parece que, em vez de uma caneta, erguia um punhal, uma navalha, uma arma diabólica. Ele a empunhava na altura do quadril. Uma caneta prateada, muito grossa, carregada com minas de tintas diferentes que permitiam escrever em quatro cores: azul, vermelho, verde e preto, dependendo da mola que se puxe. Ismael não abandona o sorriso cruel, seus irmãos o imitam: o sorriso, os gestos, a pose. Eles se autodenominavam os filhos do Chinês, e, tal como o Chinês, nos lembram os mongóis com seus olhos puxados, seus narizes chatos, seus corpos franzinos. Eles estavam na frente da casinha dos medidores onde Pedro Molina permanecia sentado. Com um grande, enorme sorriso, um dos irmãos, aquele à direita do primogênito Ismael, enfia a mão por dentro do suéter e tira, pela gola, um chicote de couro preto, flexível e resistente. Isabela a dois ou três metros, tremendo, sem saber o que fazer, quer fugir, mas não podia mais. Era impossível agora. Bem naquele momento a chuva para.

Eles se olham mutuamente, Pedro muito sério, os quatro irmãos com muita zombaria, Isabela olha a todos aterrorizada. Logo perceberá que, na realidade, a ignoram. Ismael finge estar surpreso por Manulitu, o sócio do gângster, não estar ali.

— Está sozinho, otário? E teu chapa, não veio hoje?

Os três irmãos de Ismael riam. Risos falsos, forçados, estridentes. Soltavam grandes gargalhadas. Como Pedro Molina, eles também são ciganos, mas de diferente categoria, como Isabela sempre diz. Risadas estridentes e irritantes, falsas, cruéis, obscenas. Outra categoria.

Pedro não responde. Sabe que algo ruim aconteceu ao sócio. Certeza. Algo terrível que, pelo visto, esses filhos da puta acham graça, porque não param, nunca, de rir. O pobre Manulitu... Então, Pedro Molina faz seu primeiro blefe.

— Não percebeu? — diz a Ismael, ignorando os três irmãos comparsas, como se não existissem. — O Manulitu e eu já não somos sócios, acabou, meu velho me proibiu de vender. Não tenho nada.

Eles se entreolharam, em dúvida: O que este palerma está dizendo? Que história é essa, quer nos enganar?

— O que está dizendo? Que não tem maconha?

— Não entendeu? Não tem, não tenho nada. Não notou que não vendi nada a manhã toda?

O gângster observou as caras céticas dos quatro irmãos. Isabela continuava ali, sem que ninguém se desse conta. Os gritos e as risadas enlouquecidas dos jogadores eram como uma trilha sonora.

Dentro do prédio de tijolos, o sr. Garcia, conforme as suas curtas pernas permitem, sobe ao terceiro andar pelas escadas, precedido por Rafael Carmona, que está com os olhos espantados e a voz trêmula:

— Nos banheiros. Está nos banheiros.

A cada degrau, o sr. Garcia sentia o medo crescer pelo que encontraria nos banheiros. Eles atravessaram os corredores, um, dois, três, a quarta porta é a do banheiro masculino, abre-a de supetão, há pegadas de sangue no chão, em um canto, de joelhos e curvado sobre si, como se estivesse orando, Manulitu está com a mão na barriga e o sangue escorre por seus dedos. O sr. Garcia fica sem palavras.

— Então enrola um beck, otário — diz Ismael, debochado, em tom bastante provocador, ao gângster, e atrás, os olhos dos três irmãos brilham, ansiosos para mandar umas porradas.

— Não posso — declara Pedro Molina, com a expressão mais séria que consegue — Não tenho erva — mente descarado, olhando fixo nos olhos de Ismael.

— O que houve? Que porra é essa?

Manulitu quer responder, dizer algo, mas quando abre a boca, desaba em soluços. Com delicadeza, o sr. Garcia retira as mãos de cima da barriga ensanguentada.

Isabela não deu um passo sequer. Não tira os olhos da caneta que Ismael segue empunhando.

— Venha, companheiro — insiste, meloso, o mais velho dos Martínez Guardia —, não seja tão mal-humorado. Acende um baseado.

*Deixa de tolice, Pedrito,
deixa de tolice,
bola um beczito.*

Canta e erra de propósito, se fazendo de simplório, o caçula dos quatro irmãos.

Clap-clap-clap, os Martínez irrompem em palmas, marcando passo e compasso, com a língua estalando contra os dentes.

— Deixa eu ver, deixa eu ver — pede o sr. Garcia, desabotoa a camisa e levanta um pouco a camiseta para examinar a ferida na barriga de Manulitu, logo acima do umbigo. — Quem foi, porra? Quem fez isso com você, Manuel, caralho? Caralho! — desespera-se o sr. Garcia, solta palavrões, algo raro. Parece que vai desabar. É de partir o coração ver aquele menino de onze anos, estirado no banheiro com a barriga ensanguentada sob a pia suja.

— O melhor lugar para se pegar uma infecção. Droga, tire-o daí — reclama o professor de educação física, que acabava de chegar com

o de gramática, a de francês... E os professores vão entrando. Manuel Rodríguez está muito assustado e olha a todos com olhos esbugalhados.

— Me apunhalaram com algo — conta com um fio de voz, entre soluços.

— Não parece muito grave — sugere um monitor.

Alguém chama uma ambulância.

Benito Martínez segurava o chicote de touro como um microfone e canta, enquanto seus irmãos irrompem em risadas sem parar de bater palmas:

*Deixa de tolice, Pedrito,
deixa de tolice,
bola um beczito.*

Os filhos do Chinês formam uma equipe sinistra, e cada um tem uma habilidade. No quesito música, Benito é o melhor — é ele quem está cantando: *E bola um beck, Pedrito. E enrola um baseado, Pedrito, por favorzito.* A autoridade recai sobre o mais velho, Ismael, com catorze anos. Candelario é força bruta. Já Simplicio, o caçula, é o gênio das invenções, tem a mesma idade de Pedrito, onze anos. A caneta, por exemplo, foi modificada por ele: quando se aciona o pequeno botão para escrever em vermelho, no lugar aparece uma agulha, longa e fina, de costurar couro. Agora estão todos empolgados com as palmas e as rimas que Benito improvisa e canta de um jeito irritante, esta manhã está repetitivo na criação das letras.

*Para de brincar, primo,
Enrola um baseado, Pedrito,
não se enrosca, amigo,
e puxa a erva, Pedrito,
amigo, Pedrito, primo,
não banque o espertito.*

Canta e desafina propositadamente, faz palhaçadas com pouca ou nenhuma graça, se contorce, grita, chupa o microfone improvisado de forma obscena para arrancar sorrisos de seus irmãos, com suas risadas forçadas, estridentes e ameaçadoras.

Clap-clap-clap, as palmas soam bem, sem esforço, clap-clap-clap, marcando passo e compasso: *Deixa de onda, companheiro, deixa de onda e puxa a erva, puxa a erva, enrola um Bob Marley, Pedrito, canalha, não banca o espertito, enrola um Bob Marley.* Clap-clap-clap.

No ritmo, olhos brilhantes, sorrisos sinistros, no ritmo. Então, surge uma agulha longa pela ponta da caneta prateada.

O sr. Garcia olha as horas no relógio.

— Ei, já passam das onze e meia. Tem de avisar que acabou o intervalo — diz a um monitor, e este sai correndo para a secretaria, para acionar o sinal que colocaria fim no intervalo. O monitor quase se estatela ao também pisar no óleo grudado no chão, no final da escada.

— Quem foi o porco que...?

O gorducho Caravaca até poderia explicar por que aquele sanduíche está jogado ali, com as sardinhas espalhadas ao chão, mas ele está na despensa, entre vassouras, esfregões e outros utensílios de limpeza, com um olho roxo, um galo na cabeça e picadas de agulhas nas coxas e braços. Ali o encontrou a faxineira, Presen. Não há como explicar o que raios lhe aconteceu. Ela, no entanto, nem quer saber. Isso a aterroriza. Às noites, tem pesadelos com os alunos da Padre Ocampo.

Manulitu Rodríguez descansa reclinado contra a parede, conseguiram estancar o sangramento. As feridas não eram profundas, mas os traços do terror permanecem nele.

No pátio de cimento e albero, atrás do gol, Pedrito não brinca mais de gângster.

Agora acabou o jogo, em que os gângsteres eram gente de honra e conduziam seus negócios sem truques ou engodos. Agora ele precisa ser rápido como uma cobra, e, se puder, ele os enganará. Será traíçoeiro. Mas não consegue. Ele vê a agulha sair da ponta preta da caneta apontando para os seus olhos. Mas não vê quando Simplicio e Benito dão a volta na casinha para ficar atrás dele. Ou se viu, não fez nada para evitar. Isabela

sai de seu torpor e corre em direção a eles quando agarram Pedrito por trás, o travam, o imobilizam.

— Soltem ele, soltem ele agora, seus desgraçados! — grita, e se coloca na frente de Ismael — Seu merda! — A garota o insulta.

Sem dizer uma palavra, Ismael, dá-lhe uma bofetada com tanta força que a faz voar, ela cai contra a parede da casinha, sai um fio de sangue por um corte feio na têmpora.

— Vamos, frangote, me passa a erva, porco! — exige Ismael, sem nem olhar para a garota que acabou de nocautear. Candelario encara Pedrito também, olha, sorri, não fala, olha para as mãos, abre, fecha, assopra seus dedos e, num movimento certo, enterra o punho na barriga de Pedrito.

— Tomaaa! — Benito e Simplicio aplaudem — Porrada, que porrada! — Eles riem, fazem gestos, zombam: Viu que porrada? Magnífica. Eles riem e Pedrito se curva, não consegue respirar. Antes que ele caia no chão, Ismael finca a agulha daquela caneta diabólica no meio de coxa dele. Uma mancha de sangue, vermelho e quente, surge no tecido das calças elegantes do gângster, um círculo disforme, úmido e viscoso que se expande até os joelhos. Pedrito quer gritar de medo, mas não consegue, nenhum som sai de sua boca de lábios grossos e macios, não consegue nem respirar. Está enrolado no chão, ninguém o segura agora, não tem porquê, preferem se dedicar a espancá-lo e rir. Risos sempre forçados e falsos. Risos e chutes, chutes na barriga, nos rins. Sem esquecer de dar alguns golpes no lombo com o chicote que agora passa de mão em mão pelos irmãos, de um a outro, como em uma corrida de revezamento. Por fim, Ismael se abaixa e aproxima a ponta da agulha do olho de Pedrito.

— Se você se mexer, vou te deixar caolho, seu merda.

O grande gângster se torna uma estátua. Não move um músculo sequer, um fio de cabelo, se urina, se humilha. Uma estátua aterrorizada enquanto a outra mão de Ismael Martínez vasculha os bolsos das calças de poliéster de Pedro Molina. Os dedos nervosos de Ismael procuram, reviram, apalpa e encontram o pacote de erva. Triunfo. E, para celebrar, um chute na barriga. Agora a grana:

— Onde você está escondendo a grana, frangote?

Pedrito não responde, não enxerga, não respira, não consegue falar, a dor e o medo o paralisam. Perfuração nas costas, chute no estômago e perfuração na bochecha para ver se ele revela — nada, sem resposta, pela frente e pelas costas os golpes se intensificam, em cada golpe uma risada e exclamações de admiração:

— Caralho... esse fez barulho!

Mais perfurações na bochecha, abaixo do olho.

— Fura os olhos dele, Isma — sugere Benito, com a voz animada.

E, de novo, o derrotado gângster se transforma em estátua, e mais uma vez os dedos hábeis e intuitivos de Ismael encontram depressa as notas — poucas, pois ele não vendeu nada a manhã toda — no bolso da frente da calça de Pedrito. E, outra vez, para celebrar, Ismael lhe dá um tapa na cara, o que é até bom, pois lhe devolve o fôlego. Ele respira, que alívio, e, finalmente, ouve e enxerga, mas acima de tudo respira. Ele ouve o choro de Isabela caída por ali. Ouve as risadas forçadas, os palavrões, as vozes anasaladas, estridentes, insultantes. Ouve os insultos, os insultos, os insultos.

Então o sinal soou: priiiiii!, clara e potente; os jogadores pararam de correr e jogar, e a garotada no pátio de cimento e albero se dirigiram para a frente do prédio de tijolos, e começaram a formar as filas, do primeiro ano, do segundo ano, do terceiro ano... Nem todos estavam em fila, faltavam alguns alunos. Isabela e Pedrito permaneceram largados no cimento, atrás do gol sem redes nem trave. Atirados e despojados, pois levaram tudo deles: dinheiro, droga, relógios. Até o relóginho da Minnie que a pobre Isabela ganhou no dia da sua primeira comunhão. O grande gângster ouve o sinal e quer, tenta, levantar. Ele meio que consegue, fica olhando para a figura de Isabela, ferida. Ele apalpa os bolsos, apalpa o corpo, toca com seus dedos as manchas de sangue em sua calça. Três, quatro vezes, eles o perfuraram. E daí? Eles levaram tudo. As perfurações cicatrizarão, na verdade nem doem mais, mas a erva não vai recuperar, nem a grana. Isso era certo. Nem a paz. Sem droga, sem dinheiro... Pedrito não sabe como o velho vai reagir. Pedrito Molina terá dificuldade em voltar para casa hoje, contar ao pai que lhe limparam, e ele nem sequer conseguiu se defender. Que por sua culpa, até uma menina que tentou

defendê-lo, recebeu porrada. Não, quanto a isso era melhor ficar em silêncio.

O sr. Garcia está pálido, não olha para o relógio, ao seu lado o professor de educação física dá o sinal de entrada para as aulas e as filas começam a se mover, uma por uma, entram no prédio, cada ano para a sala de aula correspondente. O céu da manhã está se limpando, um raio de sol faz o cimento brilhar. Ismael avança para o fim da fila com as mãos no bolsos, as notas surradas na direita, e, na esquerda, o pacote de haxixe marroquino. Feio e sujo, Ismael sorri e mostra os dentes. Um insulto.

Amostra

Amostra

3

As Três Mil Habitações, março de 1980

*Afiem as lanças, ajustem os escudos,
alimentem os corcéis velozes,
e inspecionem os carros com esmero:
Preparem-se para a batalha;
este será um longo dia
em que o sombrio Ares vos porá à prova.*

A *ILÍADA*, de Homero (trecho adaptado)

ILUMINAVAM A ESCADA COM os isqueiros, não com a chama, mas com a breve faiscar contínuo da pedra produzido ao girar a rodinha que fricciona a pedra, *clic clic*, não há mais gás nos isqueiros. Mas dava no mesmo, a faísca era suficiente para que os primos furiosos, os cunhados irados, os tios irascíveis e os demais homens aliados dos Molina continuem subindo a escada — os da frente já haviam passado do primeiro andar — e olhavam os degraus molhados, traiçoeiros, escorregadios. Na linha de frente avançava o pai, José Molina, vestindo preto dos pés à cabeça, com um cajado nodoso e uma escopeta de cano serrado oculta sob a camisa.

Logo atrás, armados com navalhas de sete molas e bastões ciganos, flexíveis e pontiagudos, vão os filhos mais velhos, Luis e Rafael Molina Fernández. Eduardo, o irmão seguinte a Rafael, empunhava um enxadão — já usado outras vezes para fins bélicos com bons resultados — e seguia atrás dos dois, mas à frente dos três primos Fernández que subiam acionando os isqueiros, e, um deles, o Fernández mais novo, escondia no bolso traseiro da calça um revólver com cabo de madrepérola. Seus irmãos levavam facão largo e machado. E, atrás deles, mais familiares, uns jovens e outros nem tanto, continuavam entrando no bloco B, onde, no terceiro andar, o Chinês, sua família e seus cúmplices mais próximos se refugiavam. Entra no bloco a última leva de ciganos, atenta às poças, atenta à escada escorregadia e, sobretudo, atenta à entrada porque, não é piada, as sacolas de lixo voavam, e não era a simples chuva diária de resíduos e sujeira que costuma cair das janelas dos apartamentos para o lugar onde um dia houve um contêiner, sem outra intenção além da muito humana de pôr o lixo na rua. Esta noite, desta vez, muitas são as janelas voltadas para o terreno baldio que se abrem para que as ciganas — porque são as mulheres quem se ocupam de tais tarefas de artilharia — estendam os braços fortes e escuros e deixem cair a imundície humilhante sobre as tropas inimigas: sacos de lixo em abafadas explosões de fedor e podridão ao cair contra o solo, ou pessoas, se tiverem um tantinho de sorte e pontaria. Alguns desses sacos estão abertos e espalham seu conteúdo pelo ar — merda e papéis sujos, latas de sardinha caindo abertas com lâminas traiçoeiras que cortam como o diabo — e cuidado com os garraões de cerveja, que se acertarem na cabeça, fim de papo.

— Mas... que gente porca!

— Cuidado com as janelas, estão jogando lixo! — avisa aos gritos um jovem e bonito cigano, com uma casca de batata grudada na orelha.

— Primo, você tem uma batata na orelha.

— Não me surpreende, com tudo que está caindo... — Nem era surpresa que o primo à frente tinha sangue na mão, de um corte de uma das traiçoeiras latas de sardinha.

Mas não tem importância, porque ele conseguiu entrar e já está no bloco, no saguão, pronto para iniciar a subida com os outros retardatários

— que ostentam cascas de laranja e borras de café nas carecas e cabeleiras.

Os ciganos já sobem, iluminando as escadas escuras com os isqueiros, clic clic, é o costume. Nas Três Mil, são poucos os que têm energia elétrica. Luz. Na loja da sogra do Chinês, o monopólio de velas é total, e não permitem a ninguém no bairro competir. Viram verdadeiras feras se alguém ousa vender velas que não sejam as da sogra do Chinês.

— Cuidado com o Chinês... o filho da puta quer tudo.

José Molina sobe a escada ciente de que não tem como voltar atrás, e isso lhe dá um certo frio na barriga. Ele se conformaria com a devolução da erva que tomaram de Pedrinho, o filho mais novo, até acha que uma desculpa bastaria, claro, que uma “desculpa” bem sentida e muito sincera:

— Um reconhecimento da minha autoridade como velho cigano, caralho, que por mais que queira, você nem tinha nascido quando eu já era homem, Chinês, e me deve respeito, e certa obediência, como homem e cigano — ensaiava José um pequeno discurso, enquanto subia em direção ao Chinês. Antes de partir para a degola, queria falar, tentar um acordo, mas olha para trás, não para os filhos, a quem ele comanda daqui para lá, mas para os cunhados, os Fernández, que são da pesada e já estão chegando ao patamar do primeiro andar, e, mais atrás, toda a turba que acaba de entrar no bloco, e sabe que não tem volta. Os Fernández são da pesada.

Eles ainda não haviam alcançado o segundo andar quando se ouviu o rangido de uma tranca sendo puxada, vozes, gritos, mais trancas, portas que se abrem no segundo, duas mais no primeiro, e vai saber quantas mais no terceiro, tanto faz, o que importa é que são os ciganos que de repente saem dos apartamentos e cercam os Molina e seus aliados, por cima, por baixo e pelos flancos. Os isqueiros, clic clic, faíscam agora em todos os andares e escadas do bloco. Os ciganos se encaram em silêncio, os dois bandos, mãos pousadas nos punhos dos bastões, dedos tamborilando nos cabos dos machados, acariciando as coronhas. Eles se encaram e reencaram sem insultos nem xingamentos, em um silêncio fúnebre. Imóveis. Eles se encaram, e há desejo de guerra nos olhos

semicerrados e nos lábios apertados. Não tão imóveis. Alguém com os nervos à flor da pele, escorrega em um degrau molhado e quase cai, se agarra no primo e por pouco os dois não desabam.

— Porra, Julián, vai acabar me derrubando!

— Foi mal! Isso aqui está escorregando pra caralho!

Não chegam a cair, mas provocam uma agitação nas fileiras dos dois lados. Do terceiro andar, onde está entrincheirado com seus aliados, o Chinês enfia a cabeça no vão da escada e solta um aviso.

— Molina! Você vai acabar em desgraça! Desapareça por onde veio!

José Molina interrompe a subida e com ele todos que o acompanham. Respira fundo, devagar, antes de dizer:

— Chinês, podemos conversar?

— Desembucha.

Então a mente de José Molina fica em branco, escapa-lhe do cérebro o pequeno discurso que preparara no caminho. Pelo vão da escada, a cabeça do Chinês aparece e desaparece, iluminada ou não pelas faíscas dos isqueiros.

O que dizer? Só uma coisa lhe ocorre.

— Chinês, me devolve a erva!

— Estão rindo? — pergunta Luís, o filho mais velho. Parecem vir risos lá de cima, do terceiro andar. Os isqueiros param de acender, e tudo mergulha na escuridão por instantes, e, sim, parece mesmo que se ouvem risadas. José Molina sente algo parecido com uma vertigem, o que está acontecendo com ele? Que vontade de ir embora. Mas não pode. Por que não pode? É como querer voar, ou nunca morrer, ou ser chefe de Estado: impossível. E o fato é que sua posição na escada é delicada, cercado pelos aliados do Chinês que os encaram em silêncio, imóveis, armas em punho. Outra vez os isqueiros, clic clic clic, voltam a luz das faíscas. O brilho intermitente faz da escada uma espécie de discoteca, e tudo parece uma sequência de fotografias, uma após a outra, passando em alta velocidade. Nesse ritmo, o Chinês responde:

— Sua erva? Fumei ou vendi, ou as duas coisas.

— Chinês... você me falta com respeito.

— Ora essa... respeito.

— Estão rindo! — acusa Luis Molina. É verdade, soam gargalhadas no terceiro andar. Em cumplicidade ao bom humor do Chinês, seus vigilantes comparsas riem também; armados, tensos, com as facas em punho nas portas abertas, nos patamares, nas escadas, cercando Molina e os familiares, sem jamais tirar os olhos deles. Acharam engraçado: Ora essa... respeito.

Certas coisas um cigano jamais tolera, entre elas, que um grande filho da puta venha zombar dos mais velhos.

— Vamos! — ruge Eduardo. — Vamos já! O que estamos esperando?

Eduardo, o Vesgo, brandia a enxada com seus braços poderosos. O clamor irrompe. Os Molina e seus aliados sobem, os comparsas do Chinês descem, saem dos apartamentos em ondas, atacam de todos os lados, agitando bastões, facas, machados e punhos. Mas não há espaço para pegar impulso e o confronto acontece rápido e violento. Os três filhos de José Molina são os primeiros a entrar em combate. Luis Molina, mente fria e rosto inexpressivo, já desdobrou a navalha — clac clac clac, as molas soam sete vezes — na outra mão empunha o bastão de bambu: fino e flexível. Será exatamente esse bastão que provocará o primeiro ferimento da noite — zázss — um silvo fino corta o ar até alcançar o rosto do filho mais velho do Chinês, Ismael, um dos porcos que tomaram a erva e o responsável pela guerra, que vai na linha de frente, na vanguarda, como ordenou seu pai, Antônio Martínez, o Chinês. Quando o bastão já se afasta do rosto de Ismael, uma linha fina e vermelha aparece em sua bochecha. E, ele mal tem tempo de se recuperar da surpresa quando a navalha de Luis rasga o dorso de sua mão. A dor e o susto do sangue o fazem soltar o chicote de touro, o mesmo com o qual golpeou Pedrinho para roubar a erva — e ele nem sabe de onde vêm os golpes quando uma joelhada na coxa o tira de vez do combate. Um parente do Chinês tenta impedir mais golpes e avança contra Luis, brandindo um bastão de ferro.

— Para, filho da puta, vai matar ele! — uiva, descarregando o bastão na cabeça de Luis, mas ali está seu irmão Rafael, que interpõe uma vara. O bastão, mais pesado, quebra o bambu, mas se desvia o bastante para que Luis Molina se esquive do golpe, e o primo perde a posição, sem conseguir

mais recuperá-la, pois, por trás, como é do feitio de Eduardo, ele finaliza a cena com uma enxadada que tira o parente intrrometido de circulação.

Intermitentes, fragmentadas, fotográficas, as imagens pelo curioso efeito da faísca azul dos isqueiros, criam um certo clima de boate; só faltaria um pouco de música para que tudo virasse um baile, mas não há. A única música são os terríveis xingamentos que se cruzam pelas escadas, de patamar em patamar, as terríveis blasfêmias e o estalo dos ossos se partindo.

Os ciganos caíram de ambos os lados e formaram um bloqueio entre o primeiro e o segundo andar, assim os de trás não conseguem seguir avançando, não conseguem chegar ao confronto. José Molina, alheio ao bloqueio, interrompe a subida e, protegido pelos filhos, abre o cano da escopeta. Abre-a com calma imperturbável — cercado pelo caos e pelos berros dos feridos — introduz dois cartuchos, e a fecha com um movimento seco — clec — e, dirigindo a voz ao vão escuro da escada, brada:

— Chinês! Chinês! — O vozeirão dele se destaca sobre o calor formidável do combate.

— Deixem-me passar, porra! Deixem-me passar! — Não há como um dos Fernández, o Genaro, possa acessar a briga, preso entre o primeiro e o segundo andar.

— Não insista, Genaro. Não se aborreça, você está vendo que quando não dá, não dá.

— Chinês! Chinês, mostra a cara! — Pouco a pouco, degrau por degrau, José vai em direção ao terceiro andar. Já faz um bom tempo que o Chinês se calou, não se ouve mais suas bravatas, muito menos risadas. Apesar da desvantagem inicial, apesar de estarem em menor número e pior posicionados, os Molina e seus aliados estão tomando as melhores posições.

— Vai tomar no cu! — celebra Juan Fernández, quando golpeia o irmão mais novo do Chinês, Isidoro, dezenove anos, com seu longo porrete da polícia, tum!, em todo o crânio, salpica sangue, os olhos brilham, ele grita selvagem na escuridão enquanto o corpo abatido cai pelas escadas, rola até ser parado pelas botas com biqueira de ferro de Fernández, o

Genaro, que passa por cima pisando-lhe na cara e entrando, enfim, na briga desferindo golpes às cegas.

— Canalhas! Porcos! Vocês vão ver só!

Só há luz onde estão os bloqueios — ciganos que, enquanto não entram na briga, ficam ali no clique clique com os isqueiros — e nos patamares onde as ciganas e as crianças mantêm uma vela acesa, com a porta entreaberta de sua casa e prontas para fugir. Porque onde o pau está comendo estão quase às escuras, nenhum combatente perde tempo girando o isqueiro para fazer faísca.

Por mais que Eduardo seja hábil com a enxada, ele não a manejaria com tanto entusiasmo se tivesse de usá-la no campo para remover a terra ou esmagar beterrabas. Eduardo talvez seja o irmão Molina que mais aprecia a violência. A enxada é uma arma letal, mas sua destreza é tamanha que ele acerta com a medida exata para quebrar sem matar, golpeia de lado sem tirar a vida. Ataca sempre que pode pelas costas, sem descuidar das suas. O caos da luta o favorece, permite-lhe aplicar sua estratégia, mas agora é forçado a encarar um cigano magro e comprido como um espagete, deve ser um parente próximo do Chinês porque tem os mesmos olhos puxados, o mesmo nariz achatado. Ataca com uma catana do mato, de dois gumes, com a ponta quebrada para rasgar melhor. Eduardo mantém uma distância segura com a enxada, mas o rival é rápido e habilidoso com sua arma, desfere golpes que passam perigosamente perto. Eduardo precisa recuar, e em uma dessas esquivas, ao evitar uma lâmina que vinha em direção ao seu dorso, acaba se afastando da proteção da parede. O cigano da catana não lhe dá a chance de retomar a posição. Lutam no primeiro lance de escada que liga o segundo e o terceiro andar, com o rival de olhos puxados alguns degraus acima de Eduardo. Agora, à medida que o inimigo avança e lhe toma cada vez mais espaço, Eduardo começa a ter dificuldade de manejar a enxada, de fato, sem querer, pela proximidade entre os combatentes, acaba acertando o irmão Rafael, ao recuar com o cabo da arma.

— Ah! Que porra é essa, Eduardo! — reclama o irmão, levando a mão à testa, onde levou sem querer, e de raspão, a temível enxada.

— Estou sem espaço — desculpa-se Eduardo.

É verdade, não tem espaço, o pouco que restava agora era tomado por outro rival que vem em auxílio do chinês.

— Vai engolir essa enxada com batata, filho da puta! — rosna o recém-chegado brandindo um cano grosso de chumbo.

Nunca se sabe para onde diabos o Vesgo está olhando. Por isso o sujeito do cano acha que Eduardo está olhando para o irmão em busca de ajuda, acredita que ele baixou a guarda. E é nesse exato momento, em que pensa que o rival desviou o olhar, que ataca. Erro crasso. Na verdade, é quando Eduardo está mais atento do que nunca, porque mesmo olhando na direção do irmão, o que ele enxerga são os olhos do adversário, e os olhos dizem tudo: quando vêm para cima e quando hesitam. Então, quando o homem do cano investe contra a cabeça do Vesgo, não está mais lá, só acerta o vácuo, e antes que possa recuperar o equilíbrio depois do golpe em falso, a enxada já o atinge em dois tempos: primeiro com o cabo, na barriga; depois com o gume da lâmina, direto na cabeça. O tubo lhe escapa das mãos — plem, plem, quica nos degraus — e assim, desarmado, com a cabeça sangrando e a barriga doendo, o cigano foge escada abaixo.

Plem plem plem, o cano quica um bom trecho, degrau após degrau, passando justo ao lado de Santiago Martínez, o irmão mais velho do Chinês, que acaba de despachar Paco Romero, o do quiosque de guloseimas em Las Vegas. Plem plem plem, Santiago pisa no tubo quicante com suas botas rústicas de Ubrique, para-o, agacha-se e o recolhe. É canhoto, então empunha com a esquerda, aperta com força — os nós dos dedos brancos — e, lançando um olhar turvo a Eduardo Molina, começa a subir devagar os degraus que o separam do Vesgo, que já tem o lutador de catana encurralado e prestes a desferir o golpe definitivo da enxada, tão certo da vitória que se descuida das costas. E, quando ergue o cabo para golpeá-lo de vez, percebe no olho do rival algo que não é o terror esperado — e isso o faz hesitar. Por um ínfimo instante a enxada paira no ar, suspensa, e então, de repente ele entende, intui, sabe que há alguém atrás dele. Mas já se passou meio segundo e perdeu todas as opções, não há tempo para se virar, só o bastante para ver o triunfo refletido nos olhos do adversário encurralado, quase ao mesmo tempo em

que o topo de sua cabeça recebe por trás o golpe do pesado tubo cinza. Solta a enxada, cai de joelhos, inclina a cabeça e expõe a nuca. O inimigo ergue a catana e prepara o golpe final.

— Não! — grita Santiago Martínez, por piedade ou prudência, quando o cigano da catana se prepara para a execução.

— Deram cabo de Eduardo! Deram na cachola dele! — A notícia chega aos ouvidos do pai, que hesita entre seguir direto contra o Chinês ou descer e socorrer o filho ferido.

— Mataram ele? — pergunta com angústia.

— Simbora daqui, cara, anda logo — sugere Santiago do Tubo quando o da catana olha para o corpo do Vesgo, que tombou de vez e jaz de bruços, ponderando se, já que não o vai matar, não seria o caso de enfiar parte da lâmina no cu dele.

— Mas mataram ele? — Ninguém responde a pergunta de José Molina.

— Estou indo — assegura Santiago Martínez, mas não vai. Agarra o braço do colega com a catana e o puxa.

Tarde demais. Como verdadeiras feras, dois dos Fernández se atiram sobre eles. O cano de chumbo voa com a brutalidade do impacto, caem os quatro sobre o corpo inerte de Eduardo, cai também a catana, rola degraus abaixo — um, dois, três, até parar órfão, livre e solitário, com a lâmina lascada e tingida de sangue. Os Fernández esmagam cabeças e estômagos, sem armas, só no murro, a fúria vingativa paira feito urubu sobre os oponentes, cegando olhos, desfigurando rostos, embaralhando mentes, granando nos ouvidos deles até ensurdecê-los. Santiago Martínez e o cigano da catana são derrotados. Os Fernández se levantam vitoriosos e apertam as mãos.

Já tem muitos feridos dos dois lados e ninguém recua — os Molina continuam empurrando, e os do Chinês resistindo.

— Chinês, faz algo, porra, devolve a erva, vão matar a gente — implora um parente quando vê, desesperado, que a luta chega sem freio ao terceiro andar, onde ficam os familiares mais próximos, irmãos, cunhados, primos, filhos e o próprio Chinês, empunhando suas armas prontos para o combate.

Escada abaixo, insultos de todos os lados se cruzam, se enroscam e desenroscam, formam espirais sonoros, xingamentos que se enrolam pelo vão da escada, pragas nos andares. O cal e a tinta se soltam das paredes, abrem-se grandes lascas, o gesso salta em pedaços, estilhaços de tijolo voam pelos ares.

Encharcados de suor e sangue, os Molina uivam, batem, xingam, atropelam e avançam quebrando o moral dos inimigos. Mais de um quis fugir, mas os bloqueios na escada os impedem. Aqueles que saíram de seus apartamentos achando que tinham emboscado os Molina percebem que a manobra foi inútil — o pouco espaço entre os contendores anulou qualquer vantagem — e agora tentam voltar para suas casas.

— Não fujam, covardes! Deem as caras! — ruge Juan Fernández, embriagado de sangue e vitória. Chuta a porta do segundo A, atrás da qual tentou se esgueirar nada menos que o sogro do Chinês, e a derruba com uma botinada formidável. O ferrolho salta, voam os parafusos que o prendiam à madeira. Juan entra empunhando o machado e destrói o que encontra, que não é muito: a mesa redonda, um vaso, a televisão, uma ou outra cadeira, uma poltrona que, com certeza, era exclusiva das nádegas do sogro que deve estar escondido na cozinha, ou trancado no banheiro.

— Saia e lute como homem, maricas!

Foram suas últimas palavras. Nem chegou a ver de onde veio o tiro, ouviu o barulho seco do primeiro disparo e o sentiu lhe penetrar a lateral. Mas o segundo não chegou a escutar: foi o que o rematou enquanto ainda estava em pé. E, veja só: a bala entrou por uma orelha e saiu pela outra, como se nem quisesse ser ouvida. E não foi mesmo. Morreu de pé, e assim ficou por alguns instantes em misterioso equilíbrio, até que seus joelhos se dobraram. Morto. A primeira morte. Ia cair no chão, mas Genaro Fernández entra logo após o segundo disparo e ainda teve tempo de segurá-lo em seus braços antes que o corpo desabasse de vez. É seu irmão. E o segura nos braços, ele com os olhos bem abertos, que ainda parecem fitá-lo. O sangue escorre por grandes buracos na cabeça e do lado esquerdo, e Genaro não pode evitar que uma leva tontura faça sua mão tremer em busca da arma no bolso traseiro de sua calça de veludo cotelê, de onde retira o velho revólver com cabo de madrepérola. Raimundo